



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

CLÁUDIA JANETE FERNANDES PESSOA

CAPOEIRA: Um diálogo de corpos e de aprendizagens na Educação Infantil

GUARABIRA-PB
2011

CLÁUDIA JANETE FERNANDES PESSOA

CAPOEIRA: Um diálogo de corpo e de aprendizagens na Educação Infantil

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms^a. Ivonildes da Silva Fonseca

GUARABIRA-PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

P475c

Pessoa, Cláudia Janete Fernandes

Capoeira: um diálogo de corpos e de aprendizagens na educação infantil / Cláudia Janete Fernandes Pessoa. – Guarabira: UEPB, 2011.
46f. Il. Color.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Ivonildes da Silva Fonseca”.

1. Educação Infantil 2. Capoeira
3. Socialização I. Título.

22.ed. CDD 372

CLÁUDIA JANETE FERNADES PESSOA

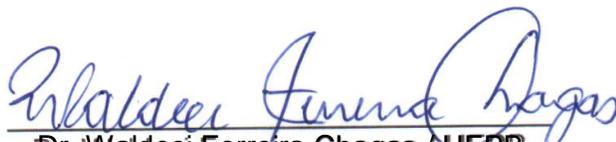
**CAPOEIRA: Um diálogo de corpos e de aprendizagens na
Educação Infantil**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 16/06/2011.



Prof^a. Ms^a. Ivonildes da Silva Fonseca / UEPB
Orientadora



Dr. Waldecir Ferreira Chagas / UEPB
Examinador



Ms^a. Rosângela de Araujo Medeiros / UEPB
Examinadora

Dedico

À minha família, em especial aos meus pais, Avanete Fernandes Mendes e Eduardo Nunes Pessoa (*in memoriam*), pela dedicação, companheirismo, amizade, incentivo e colaboração, e às minhas filhas Júlia e Olívia minhas fontes de determinação.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado a vida, a família e em especial minhas filhas, pois foi por elas que tive a coragem e a determinação de iniciar e concluir esse curso me dando a oportunidade de conviver com pessoas que contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e profissional.

À professora Ms. Ivonildes da Silva Fonseca pelas leituras propostas, correções e sugestões ao longo da orientação na confecção deste trabalho, dando-me oportunidade para vivenciar cada fase de leitura e escrita, muito obrigada.

Ao meu pai Eduardo Nunes Pessoa, (*in memoriam*), pelo incentivo e pelo apoio no início do curso e embora fisicamente ausente após o primeiro ano, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

À minha mãe Avanete Fernandes Mendes Pessoa pela compreensão e contribuição, principalmente no término do curso que foi de fundamental importância para a elaboração desta monografia.

Aos professores do Curso que contribuíram ao longo desses anos, por meio das disciplinas e debates, para a realização desta pesquisa.

Aos colegas de turma, em especial Cristiana Domingos, Lucimar Victor, Viviane Lourenço e Silvana Benício pelos momentos de amizade, apoio e colaboração.

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão desse curso.

A educação constitui um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimulação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. (BRASIL, 2004, p.7)

RESUMO

Este trabalho é de conclusão de curso trata sobre as contribuições que a capoeira pode oferecer às crianças da Educação Infantil. A pesquisa ora desenvolvida consta de leitura bibliográfica e virtual. Das leituras realizadas, formei a compreensão de que a capoeira oferece uma grande contribuição para a socialização das crianças ensinando-as o respeito aos mais velhos, às regras de convivência, no desenvolvimento das habilidades motoras, no equilíbrio corpo – espírito, na concentração e no controle emocional, já que essas são algumas exigências e habilidades desenvolvidas no decorrer de sua prática. Transformando-a em um recurso conjugado as atividades escolares obter-se-á um método eficaz para o alcance da disciplina e para a formação do caráter dos indivíduos no início da vida social, pois a sua metodologia utiliza o movimento corporal, a música, o ritmo, unindo razão e sentimento, corpo e espírito.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira. Educação Infantil. Socialização.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1 –	Jogar Capoeira ou Dance de la Guerre de Johann Moritz Rugendas, 1835	15
-----------------	---	-----------

LISTA DE SIGLAS

UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
SEF	Secretaria de Educação Fundamental
COEDI	Coordenação Geral de Educação Infantil
RECNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1.	HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO BRASIL.....	14
2	A CONTRIBUIÇÃO DA CAPOEIRA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
2.1	RECNEI E A CAPOEIRA.....	26
2.2	A LEI Nº 10.639/03 E A CAPOEIRA.....	30
3	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	33
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco principal discutir as possibilidades de utilizar a capoeira no ambiente escolar, principalmente na área de Educação Infantil, para contribuir na aquisição das habilidades motoras, do equilíbrio, linguagem oral, conhecimento da história do povo brasileiro e valorização da sua cultura, além do conhecimento e respeito ao próprio corpo. Com o respaldo das Leis nº 9394/96, a nº 10.639/03 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana, além do RECNEI, as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais e de pesquisa em várias fontes bibliográficas e de natureza virtual, procurei comprovar a importância e a possibilidade dessa manifestação cultural, própria do Brasil, contribuir para o desenvolvimento físico, psíquico, afetivo e cognitivo da criança, proporcionando-lhe um contato direto com a cultura e a história brasileira.

O interesse por esta temática surgiu a partir do contato diário com crianças dessa faixa etária em uma escola pública do município de Pilões/PB. Como profissional da educação infantil desde 2007, tenho observado que as crianças nessa idade necessitam estar constantemente com o corpo em movimento, manter o contato com vários objetos e com a Natureza, além de se divertirem com a música e as cantigas que proporcionam a socialização, a interação e o relacionamento afetivo com os colegas de sala e com as professoras. Também no decorrer da graduação pude realizar alguns trabalhos que tiveram como tema a cultura dos afrodescendentes e a educação infantil, surgindo assim o interesse de unir os dois temas em um só trabalho.

Com a finalidade de fundamentar a relevância deste estudo foi feito um significativo relato histórico sobre o surgimento da capoeira e da educação infantil no Brasil, no intuito de demonstrar que tanto uma quanto outra nasceram em um ambiente discriminado, em meio às lutas e à necessidade de preservação da vida e do reconhecimento da cidadania de sujeitos detentores de direitos e deveres, necessitando da aprovação oficial para terem seus reconhecidos valores na sociedade.

Durante muitos anos a capoeira foi sinônimo de vadiagem, de violência, de marginalidade devido à ordem social instituída, após a abolição da escravatura. Com a finalidade de “expandir os domínios e exterminar seus rivais” (SILVA, 2003)

políticos e pessoas influentes da época utilizavam os serviços dos ex-escravos para benefício próprio, fazendo com que a capoeira fosse vista como uma arma vinculada ao corpo do indivíduo. Devido essa prática da época foi proibida e considerada criminosa por várias décadas. A modificação dessa imagem foi resultado da luta de muitos capoeiristas a exemplo de Mestre Pastinha, que fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola registrando-o em 1952 (FLORIANO, 2007) e de Mestre Bimba que se apresentou com um grupo de capoeira ao então presidente da república Getulio Vargas, quando passou a ser considerada um esporte e uma manifestação cultural.

A educação infantil no Brasil também surgiu em um cenário de lutas em prol da colonização, iniciando com a chegada dos jesuítas que, com a intenção de dominar os índios, catequizavam as crianças indígenas e tentavam cuidar das que eram abandonadas por motivos culturais da tribo. No Brasil urbanizado e industrializado os movimentos sociais exigiam um local onde os filhos pudessem permanecer assistidos e saciados durante o período de trabalho das mães, as quais necessitavam sair de casa para ajudar na renda familiar. Deixando as crianças alojadas em um local pouco organizado, com um único fim de manter viva a carente sociedade mirim.

Após essa breve retrospectiva pudemos notar que tanto a capoeira quanto a educação infantil não receberam o reconhecimento merecido de suas importantíssimas ações na sociedade. Com isso, mostro que a união dessas duas respostas sociais pode trazer uma riquíssima contribuição para a transformação da sociedade e da falta de valorização da nossa cultura e da identidade pessoal principalmente em séries iniciais como a pré-escola, entendendo que só moldando o indivíduo nos seus primeiros anos de vida é que conseguiremos mudar a sociedade atual.

1 HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO BRASIL

Inicialmente faz-se necessário buscar o significado da palavra capoeira que possui várias definições, dentre elas está “área de vegetação rasteira”, que em tupi-guarani significa *caa* = mato e *puera* = que foi mato (GRANZIOL, s.d.), pois era o local onde os negros praticavam há vários séculos; em Umbundu¹ (*kapwila*) quer dizer “espancar; bofetada; tabefe” (LOPES, 2003). Há muitas teorias em torno do surgimento da capoeira, mas em um ponto todas concordam: a capoeira foi trazida para o Brasil por volta do século XVII nos porões dos navios negreiros, acorrentada e empilhada com os africanos, portando apenas seus costumes e religiões, capturados geralmente na região de Angola para serem usados como escravos no Brasil, onde seriam tratados como animais, acorrentados, humilhados e mal tratados. Como afirma a seguinte passagem:

Dali partiam em comboios, pescoço atado a pescoço com outros negros, numa corda puxada até o porto e o tumbeiro. Metido no navio, era metido no meio de cem outros para ocupar, por meios e meio, o exíguo espaço do seu tamanho, mal comendo, mal cagando ali mesmo, no meio da fedentina mais hedionda. Escapando vivo a travessia, caía no outro mercado, do lado de cá, onde era examinado como cavalo magro (RIBEIRO, 2005, p.119).

De acordo com Mello (s.d.) a dificuldade em comprovar a real data de nascimento da capoeira ocorre devido à atitude tomada pelo “então ministro das finanças da República Rui Barbosa” o qual ordenou a incineração de inúmeros documentos que relatavam sobre a escravidão com a justificativa de eliminar “a história negra deste período brasileiro”. Contudo obras artísticas do século XVIII podem ser encontradas com o tema, dentre elas o quadro de John Moritz (MELLO, s.d.), com o título “Jogar Capoeira” ou “Dance de la Guerre” de 1835 (FOTO1), considerado o primeiro registro preciso da capoeira no Brasil.

¹ Língua banta falada pelos ovimbundos das montanhas centrais de Angola. É das línguas bantas mais faladas em Angola. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Umbundu>



Figura 1: Jogar Capoeira ou Dance de la Guerre de Johann Moritz Rugendas, 1835

FONTE: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/capoeira/capoeira-8.php>

Muitas das hipóteses relatam, assim como o famoso folclorista Luís Câmara Cascudo (ASSUNÇÃO; MANSA, 2008), o primeiro a difundir essa idéia no Brasil, como sendo o “N’golo” (dança da zebra) o principal ancestral dessa manifestação cultural afrobrasileira. De acordo com Neves e Sousa, pintor angolano citado por Assunção e Mansa esta dança ou ritual, também conhecido por efundula, efico ou mufico, era realizado em algumas tribos no sul de Angola, uma vez por ano para comemorar a passagem das meninas para a adolescência, sinalizando que estavam preparadas para o matrimônio.

Durante a festividade, os rapazes realizavam uma disputa na qual a tribo cantava e batia palmas, e eles lutavam de costas para o adversário dando golpes com os pés, apoiados com as mãos no chão imitando os coices das zebras. O vencedor tinha o direito de escolher a noiva que quisesse sem ter que pagar-lhe o dote. Esse modo de organização do ritual e os golpes com as pernas são muito semelhantes à roda de capoeira, pois é a única que utiliza cantos e instrumentos sonoros para definir seu estilo e guiar os participantes em seus movimentos. Durante as disputas, quando não dispunham de armas, era costume dos africanos utilizarem o próprio corpo como instrumento de defesa, tendo os movimentos inspirados na natureza, ganhando prática e habilidade nos rituais e celebrações (ASSUNÇÃO; MANSA, idem).

Após serem traficados para o Brasil os negros eram acorrentados e expostos como mercadorias em lugares abertos para serem escolhidos, comprados e

separados de suas famílias pelos fazendeiros, sendo novamente amontoados nas senzalas. A partir daí trabalhavam de sol a sol nas lavouras para garantir o enriquecimento de seus, agora ditos donos. Como relata a seguinte passagem:

Avaliado pelos dentes, pela grossura dos tornozelos e dos punhos, era arrematado. Outro comboio, agora de correntes, o levava terra a dentro, ao senhor das minas ou dos açucars, para viver o destino que lhe havia prescrito a civilização: trabalhar dezoito horas por dia, todos os dias do ano (RIBEIRO, 2005, p.119).

Os senhores deixavam uma espécie de capataz, os conhecidos capitães-do-mato, ironicamente descendentes de negros, para vigiarem os escravizados e garantir que cumpriram suas obrigações, como por exemplo, arar a terra, plantar, colher e armazenar. Tudo o que fosse preciso para assegurar a produção da terra. Caso contrário seriam punidos de todas as formas, principalmente com castigos físicos. Muitos não suportando esse tipo de tratamento tentavam fugir, alguns conseguiam e se escondiam em locais distantes, mas outros, como não tinham conhecimento sobre os caminhos que tinham que seguir, rapidamente eram capturados e devolvidos aos senhores de engenho. Comumente os senhores mandavam aplicar-lhes algum tipo de castigo para que não voltassem a cometer o mesmo erro, o mais conhecido era inúmeras chibatadas acorrentado a troncos, onde não tinham chance de se esquivar. Diante desse tratamento Ribeiro (2005, p.120) comenta que a rotina dos negros escravos

era sofrer o castigo diário das chicotadas soltas, para trabalhar atento e tenso. Semanalmente vinha um castigo preventivo, pedagógico, para não pensar em fuga, e, quando chamava a atenção, recaía sobre ele o castigo exemplar, na forma de mutilação de dedos, do furo dos seios, de queimaduras com tição, de ter todos os dentes quebrados criteriosamente, ou dos açoites do pelourinho, sob trezentas chicotadas de uma vez, para matar, ou cinqüenta chicotadas diárias, para sobreviver.

Buscando meios para vencer a luta físico-cultural, os africanos buscaram de várias formas sair da condição de cativos através de fugas para locais distantes ou mesmo o suicídio. Os locais de refúgio foram chamados de quilombos e localizavam-

se em terrenos altos, para facilitar a visualização de possíveis invasores e de difícil acesso, para impedir que os capitães-do-mato chegassem até eles. Muitos teóricos relatam que esse era o lugar onde a capoeira surgiu, pois era uma comunidade com sistema de governo muito parecido com a hierarquia adotada na África.

Alguns escravos que se deixavam ser recapturados, ensinavam aos cativos não só o caminho do quilombo, mas como utilizar o próprio corpo como meio de defesa para livrar-se dos seus inimigos através da nova luta (ABRASOFFA, online). Utilizando-se da cultura como arma, os africanos aperfeiçoaram suas danças atribuindo-lhes um caráter de luta na tentativa de se libertar da prisão e dos maus tratos sofridos. O quilombo mais famoso, fundado no século XVII localizava-se no estado de Pernambuco, atualmente situado no estado de Alagoas, em uma região conhecida como Palmares e conduzida por Zumbi. O quilombo dos Palmares, como ficou conhecido, pode ser considerado como berço das primeiras manifestações da capoeira e Zumbi seu primeiro mestre. A criação de quilombos e da capoeira possibilitou aos negros a resistência, por muitos séculos, às várias tentativas de dominação dos fazendeiros. Como aponta Mello (online):

A necessidade de autodefesa e de resistência à opressão foram elementos propulsores da criação de uma técnica de defesa e ataque, no qual os negros utilizavam do seu próprio corpo para se confrontar com seus opressores (feitores, capitães-do-mato).

Durante os poucos tempos de descanso que tinham, os escravizados treinavam com a ajuda de instrumentos, feitos de materiais encontrados na natureza. Para não levantar suspeita adaptaram os movimentos da luta às cantorias e músicas africanas disfarçando o verdadeiro sentido da aglomeração. O instrumento mais conhecido e um dos que resistiram ao tempo foi o berimbau, feito de um pedaço roliço de madeira flexível, um fio de arame esticado e uma cabaça ou coité cortado no fundo. Este primitivo artefato era usado não apenas para sonorizar o treino, mas para avisar aos lutadores que alguém suspeito estava se aproximando e era preciso mudar a coreografia rapidamente simulando uma dança. Dessa forma os negros desenvolviam a coragem, a flexibilidade do corpo, a rapidez dos gestos, a autoconfiança e a habilidade nos golpes de pés e mãos, sem que o feitor ou capitão-

do-mato pudesse impedi-los, a fim de conquistar a tão sonhada liberdade (ABRASOFFA, online).

Com o passar dos tempos, e o fim da escravidão, a capoeira saiu da exclusividade do campo e passou a ser uma manifestação também da cidade, sendo praticada pela camada subalterna como ex-escravizados, estrangeiros ou mesmo a nata da sociedade. O apoio facilitou a entrada da capoeira em vários segmentos sociais, possibilitando algumas transformações e adaptações de instrumentos mais perigosos, como as navalhas, que foram influência dos portugueses. A capoeira também foi usada como forma de proteger o Império. A própria princesa Isabel tinha como protetores ex-escravizados exímios praticantes dessa luta que compunham a “Guarda Negra da Redentora”. Tinham como finalidade “dispersar manifestações republicanas” utilizando os golpes certos. Essa proteção durou pouco tempo, pois com a Proclamação da República em 1889, seus líderes foram presos (MUNANGA, 2006).

Além desta novidade da época, a capoeira trouxe, sobretudo para o Rio de Janeiro, “a formação das maltas de capoeira”, grupos organizados de capoeira que promoviam a violência e a desordem, com a finalidade de disputar com outras maltas adversárias a posse de territórios ou mesmo prestar serviços aos políticos, principalmente em época de eleições, através de tumultos em comícios, protegendo importantes “figurões” e fraudando os votos nas urnas.

O capoeira fora sempre figura indispensável nos pleitos eleitorais, fazendo respeitar a opinião de correligionários, provocando a desordem, sempre que se fazia necessário; espancando o adversário e contribuindo desse modo para a formação da Câmara dos Fagundes.

Chegado que fosse o dia da eleição, estavam as hostes preparadas para a luta, cada partido arregimentava o seu pessoal, composto de votantes, turbulentos, capoeiras e aderentes. Todos a postos, começava a chamada, no campo da matriz da paróquia. Na ocasião aprazada, dava-se um conflito, era o meio de perturbar a eleição. Chamava-se um cidadão para votar; o grupo político que dispunha de maior número de desordeiros, gritava: - É fósforo! - É! - Não é!... E fechava-se o tempo... Gritos, protestos, doestos, uma vozeria ensurdecadora, e, por fim, recorriam ao argumento decisivo - o cacete; e o sangue dos partidários ensopava as lajes do templo, sendo alguma vez interdito pela autoridade diocesana (HISTÓRIA da capoeira II, 2005).

No período que decorreram as Guerras da Cisplatina (1825 a 1828) e do Paraguai (1864 a 1870), alguns capoeiristas, segundo Mello (online), foram

recrutados para prestar serviços militares, fazendo com que a população tivesse opinião positiva em relação à capoeira, chegando até mesmo a considerá-los verdadeiros heróis da nação. Na verdade, era uma estratégia para eliminar as “figuras indesejáveis” da sociedade.

Por ser muito violenta, fatal em alguns casos, a capoeira, no decorrer dos tempos recebeu algumas malícias dos frequentadores da zona portuária, chegando a ser proibida durante décadas, pois praticantes dessa arte marcial se reuniam em bando, em Salvador, para provocar badernas e arruaças durante festas populares, fazendo com que fosse reforçado sua imagem de luta marginal (ABRASOFFA, online). Foi liberada apenas na década de 1930 e considerada esporte em 1953, quando um grupo orientado por mestre Bimba apresentou no Palácio do Governo ao então presidente Getúlio Vargas uma variação que mais se parecia uma atividade esportiva quando o mesmo relatou que “a capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional” (ALMEIDA, 1994 apud MELLO, online). Neste período, permitiu-se a abertura da primeira academia de capoeira quando ela perderia seu caráter marginal de luta recebendo um cunho folclórico e esportivo.

Muitos artistas a exemplo de escritores como Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio de Azevedo, Jorge Amado entre outros, empolgaram-se com essa arte e buscaram retratá-la em livros, contos e filmes. Na obra Festas e Tradições do Brasil, de Melo Morais Filho (CAPOEIRA, online) encontramos a seguinte passagem:

A capoeira antiga e a moderna tem sua gíria e sua maneira de expressão, pela qual são compreendidos os lances do jogo. Deveras arriscados, difíceis e dependendo de rapidez e hábito, não é sem longa prática que conseguem tais contedores fazerem-se notáveis.

Como mostra a passagem acima, não há um único tipo de capoeira, mas adaptações que foram sendo incorporadas com o passar do tempo. Como, por exemplo, a Capoeira Angola, uma das primeiras a ser praticada no Brasil. Essa variação da capoeira é caracterizada por ser mais lenta e por seus participantes ficarem mais rente ao chão, apresentando um número menor de golpes. Tem a mesma formação dos participantes que as outras: organiza-se um círculo ou roda, como chamam e começa-se o “balé” de gestos. Exige de seus participantes força e

controle na execução dos movimentos para que não haja nenhum tipo de agressão, dando lugar apenas à “elegância e a graça felina de cada gesto”, pois, sem a precisão dos movimentos, muitos golpes podem levar à morte (CATUNDA, 1952).

Seu fundador foi Vicente Ferreira Pastinha (1889-1982), “Mestre Pastinha” como era conhecido, que viveu em Salvador, na Bahia. Em depoimento prestado em 1967, mestre Pastinha relatou ter aprendido capoeira na sorte, aos 10 anos de idade, quando um velho africano após assistir sua derrota em uma briga com outro menino maior, o chamou e passou a ensiná-lo alguns golpes que viriam a se transformar na Capoeira Angola, muito praticada em academias fora do Brasil (ASSUNÇÃO; MANSA, 2008).

Outra variação é a Capoeira Regional, que é a forma mais praticada no Brasil. É um estilo mais rápido e atlético que a Capoeira Angola, já que apresenta saltos altos, chutes e acrobacias mais elaboradas. Utiliza, como em outras artes marciais, uma corda ou cinto de cores diferentes que classificam o aluno de acordo com suas habilidades. Foi desenvolvida pelo baiano Manoel dos Reis Machado, o “Mestre Bimba” (1900-1947), ao perceber que a Capoeira Angola estava sendo utilizada por falsos capoeiristas somente para exposições em praça pública, com número reduzido de golpes, perdendo seu caráter de luta. Com sua experiência e criatividade, incorporou a Capoeira Angola ao “Batuque”² criando assim, o que ele chamou de Capoeira Regional. Ele também fundou a primeira escola de capoeira, a “Academia Escola de Capoeira Regional” em 1932, no Engenho de Brotas – BA.

Os autores que tratam do assunto não só relatam as habilidades, mas o perfil da figura inconfundível do capoeirista baiano no século passado, como traçou Manoel Quirino em uma de suas produções:

Eram conhecidos à primeira vista pela atitude singular do corpo pelo andar arrevesado pelas calças de boca larga ou pantalonas, cobrindo toda a parte anterior do pé, pela argolinha de ouro na orelha, como insígnia de força e valentia, e o nunca esquecido chapéu à banda. (CAPOEIRA, online.).

Na época o capoeirista era reconhecido pelo seu modo especial de se vestir durante o treinamento. Como relata a citação acima, usavam chapéus e calças

² Segundo um capoeirista da cidade de Pilões - PB, Batuque é uma luta, onde o objetivo é derrotar o adversário jogando-o no chão utilizando apenas as pernas.

largas cobrindo os pés; hoje não se usa mais o chapéu, entretanto as calças tradicionalmente largas e brancas continuaram a ser usadas, para dar mais liberdade de movimento e demonstrar, como era de costume, a perícia nas habilidades, pois eram capazes de dançar sem ficar com uma mancha sequer de sujeira na roupa.

A capoeira, apesar da ambigüidade de classificação de ser jogo ou luta, tem o consenso de ser uma arte que requer do participante disciplina, companheirismo e concentração, pois na roda o maior adversário do participante é ele próprio, já que a habilidade está em não ferir o companheiro de roda e sim vencê-lo quando um não consegue completar, ou se defender, das sequências de golpes realizada pelo oponente. É aí que se encontra a beleza da capoeira no respeito, na perícia e na destreza de manejar o corpo sem atingir o companheiro ou partir para o confronto aberto. Como disse certa vez Mestre Moraes³: “A capoeira é um diálogo de corpos, eu venço quando o meu parceiro não tem respostas para a minha pergunta” (VIEIRA,1997 apud MELLO, online.). Essa ginga de corpo, a “malícia” do ir e não ir é que dá o diferencial da capoeira em comparação a outras formas de luta. Isso é conseguido com muito treino. Pode ser praticada por crianças de várias idades, a partir dos 4 (quatro) anos de idade, apresentando-se como um esporte seguro que trabalha tanto o físico como a mente, conscientizando seus participantes em relação às consequências do mau uso de suas habilidades e capacidades.

Há requisitos rígidos para manter os rituais, como a iniciação, que é o ingresso na capoeira e o ritual de mudança de grau, que confirma a aquisição de habilidades por parte do/a capoeirista. Todo esse conjunto de rituais favorece contribui para a continuidade da tradição na capoeira. Nesse contexto, a figura do mestre é de especial importância porque neste cargo o/a capoeirista deve ser conhecedora das tradições manifestadas nos cantos, nas regras. Por isso, ser é a autoridade máxima, indicando como e quando cantar um tipo de canção ou realizar algo no momento da roda.

A roda de capoeira é formada do seguinte modo: faz-se um círculo onde ficam os participantes, alguns na condição de tocadores dos instrumentos. Essa

³ Pedro Moraes Trindade nasceu na Ilha de Maré, no recôncavo baiano em 9 de Fevereiro de 1950. Também conhecido como Mestre Moraes é um notório mestre e maior difusor da Capoeira Angola pós-Pastinha. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mestre_Moraes

forma circular ancestral é importante para manter a concentração dos jogadores e dos tocadores, para nivelar todos em uma mesma condição de igualdade humana (embora haja a hierarquia) possibilitando a todos uma interação consolidada nos gestos, nas palavras e nas ladainhas.

É comum na roda de capoeira observar traços que remetem ao campo de sacralidades tal como vemos no início do jogo: dois capoeiristas se benzem fazendo o sinal da cruz ao pé do berimbau e iniciam a coreografia, um lento “balé” de perguntas e respostas corporais, até o momento que um terceiro jogador compre o jogo, desenvolvendo assim por diante até que todos tenham entrado na roda. O ritmo ou a rapidez do jogo pode ser mudado de acordo com as músicas que são tocadas e cantadas, sob o comando do berimbau no momento da roda. Na verdade,

a roda de capoeira é uma metáfora do espaço social, onde se opera com o concreto e também com construções abstratas, por isso, participar de uma roda é aguçar os sentidos e a percepção para estar aclimatado, para reconhecer a intenção dos seus atores, que podem se expressar pelo olhar, pela musicalidade e pelo jogo corporal. É o jogo corpóreo-gestual, não verbal, em sintonia com o ritmo da percussão que possibilita a materialidade da cultura lúdica na roda de capoeira (DaMATTA apud D'AGOSTINI, 2004, p.12).

Podemos ilustrar perfeitamente essa citação através do filme “Besouro” de João Daniel Tikhomiroff, que conta a história de um famoso capoeirista – Besouro Mangangá - que viveu na Bahia no início do século XX, retratando, também, a força da capoeira na vida dos negros naquela época com suas credences e tradições. A película mostra a formação das rodas de capoeira, os instrumentos usados, os golpes e suas utilidades que podem ser tanto de defesa/ataque quanto de divertimento, dependendo da situação e da força aplicada. O filme nos revela também a exploração, o preconceito e a humilhação sofrida pelos negros que ainda eram tratados como escravos mesmo sendo libertos há tantos anos. Utilizada como instrumento de libertação da opressão e como símbolo de afirmação de suas origens africanas reforçando a afirmação de DaMatta (apud D'Agostini, 2004) “A Capoeira como um ritual é uma resposta social, coletiva dos negros em relação aos brancos”.

2. A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança quando inicia sua vida escolar passa por experiências novas que serão de fundamental importância para o resto de sua vida, pois durante a primeira infância dá-se início a socialização e a formação da personalidade, além do desenvolvimento das principais habilidades motoras e a comunicação oral.

O professor de educação infantil precisa organizar situações as quais possibilitem o desenvolvimento de capacidades cognitivas, em um ambiente acolhedor e lúdico para que permita também o desenvolvimento físico e psicológico através das novas experiências oferecidas e do respeito ao nível de conhecimento e do tempo de aprendizagem de cada um, na busca pelo seu crescimento integral.

Esse processo pode ser permeado pela ludicidade, conforme apontam os Referenciais:

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições de aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil (BRASIL, 1998, p. 23. v.1).

A atividade preferida da criança esteja ela com qualquer idade, é brincar, se movimentar. A escola deve aproveitar essa disposição infantil para inserir os conceitos planejados através de atividades lúdicas e que ajudem na aquisição de conhecimento. Assim, a Educação Infantil deve proporcionar à criança oportunidade para exercitar-se através das várias brincadeiras, cantigas de roda e danças aprimorando seu equilíbrio corporal e suas habilidades comunicativas ou expressão oral. A criança, quando brinca, aprende a obedecer a regras, a esperar a sua vez, a relacionar-se com outras crianças e a respeitar as diferenças e as limitações suas e dos colegas. Ela também interioriza os conhecimentos adquiridos anteriormente relacionando o real ao imaginário, desempenhando papéis que não são possíveis no cotidiano (SANTOMAURO; ANDRADE, 2008).

A prática de atividades físicas durante a pré-escola favorece o desenvolvimento motor, melhora a concentração, o controle emocional e aumenta a auto-estima e a auto-aceitação. As crianças apreendem mais facilmente as regras

dos jogos, a sequência de movimentos e as consequências desses movimentos. Dessa forma a capoeira, como outros esportes, pode contribuir bastante para melhorar a atenção, a memória dos alunos, influenciando não só na aprendizagem dentro da sala de aula, mas na vida fora da escola. Além disso, parafraseando Granzio (online), ela possibilita a melhora da circulação sanguínea, o desenvolvimento da coordenação motora, o estímulo da criatividade, o aumento da massa muscular, da elasticidade, do reflexo, da autoconfiança e da auto-estima além do estabelecimento harmônico entre espírito e corpo.

A capoeira envolve a utilização de recursos os quais são comuns à Educação Infantil como, por exemplo, a musicalidade, a dança, o incentivo à união, o respeito ao outro, a cultura e o contato com a natureza. Esse esporte seria utilizado como um método, dentre tantos já utilizados, na construção da personalidade das crianças, na formação de hábitos, e no respeito às regras de convivência, que são trabalhados na pré-escola.

Como salienta Santomauro e Andrade (2008, p.56): “é essencial ampliar o repertório de canções, promover o contato com instrumentos variados e explorar os sons da natureza e dos feitos com o corpo, além do silêncio”. Essa primeira etapa da vida escolar procura atrair a atenção do aluno a partir de músicas e cantos diários utilizados na chegada e saída da escola, na explicação dos conteúdos, na recreação e atividades de higiene, ela procura fazer com que o aluno entenda a necessidade e a importância de respeitar, aceitar e se unir a outros membros da escola a fim de moldá-lo para a vida futura, ou seja, disciplinando de forma lúdica além de praticar um esporte naturalmente brasileiro.

A disciplina deve ser estimulada desde cedo, para se transformar em um hábito natural. Para Macedo (2005) a disciplina pode ser ensinada à crianças a partir de 02 anos de idade através da brincadeira, da fantasia, de jogos, pois a atividade lúdica “é uma espécie de dramatização do assunto, uma elaboração simbólica da questão” sendo mais fácil para a criança obedecer as regras e compreender sua importância. Na capoeira a disciplina é um fator muito importante, já que, como esporte, necessita de treino, realização dos movimentos corretamente, respeito às regras, aos mais velhos, aos colegas. Essa atitude requer do aluno atenção, concentração e controle emocional para saber esperar a vez e o momento certo para realizar o movimento adequado. Com essa prática contínua a criança leva para sua vida cotidiana os ensinamentos que aprendeu na capoeira.

Aliar a capoeira à educação pode gerar uma melhora muito significativa na vida escolar de crianças e adolescentes, produzindo maior rendimento dos alunos e resgatando valores como respeito, amizade, companheirismo. Muitas escolas públicas e particulares já incluíram a capoeira como atividade intra e extracurricular, despertando a criança para a prática do esporte desde a mais tenra infância e criando atletas para o futuro. (MENDES, 2006 apud SANTOS et al, online).

Nós professores de educação infantil devemos fazer com que os educandos adquiram valores que estão sendo esquecidos por alguns adultos. As crianças precisam ver que a amizade, o respeito e o companheirismo, atitudes relatadas por Mendes na citação acima, são importantíssimos na vida social e familiar. Muitas crianças chegam à escola sem saber se comportar ou tratando as pessoas com egoísmo, individualismo e agressividade, sentimentos que infelizmente são, em algumas vezes, incentivados pela própria família que tentam protegê-las de alguma decepção, ou, em certos casos, a falta de diálogo entre pais e filhos, a falta de contato, a carência de atenção e afeto deixa-os sem controle emocional dificultando a aproximação dos colegas e do próprio professor. Com isso, a filosofia da capoeira pode

contribuir para a formação de valores humanos e éticos, baseados no respeito, na socialização e na liberdade, através de trabalhos que valorizam a cultura brasileira. Tudo isso buscando fortalecer e engrandecer o capoeirista no seu caráter, dignidade e valorização pessoal (GRANZIOL online.).

Com este argumento a inclusão da capoeira como atividade regular nas salas de aula para crianças menores de 06 (seis) anos poderia transformar essa realidade, pois ela trabalha justamente tais atitudes comportamentais. O respeito ao próximo principalmente aos mais velhos, o autocontrole, o equilíbrio, a disciplina, a auto-aceitação, a concentração, o respeito às regras e limites além do conhecimento da história do povo brasileiro, enfim a capoeira serviria de instrumento moldador da personalidade e valorizador da nossa cultura de maneira lúdica e criativa métodos utilizados para cativar as crianças.

Kishimoto (2005) enfatiza “a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo” tornando uma forma ideal para

aprender os conteúdos escolares. A utilização de atividades lúdicas faz com que a criança estimule a criatividade, a capacidade motora e a socialização. Essa autora também comenta que:

A inclusão do jogo infantil nas propostas pedagógicas remete-nos para a necessidade de seu estudo nos tempos atuais. A importância dessa modalidade de brincadeira justifica-se pela aquisição do símbolo. É alterando o significado de objetos, de situações, é criando novos significados que se desenvolve a função simbólica, o elemento que garante a racionalidade ao ser humano (2005, p. 39).

O jogo é utilizado como uma atividade na qual a criança não é forçada a desenvolver ou utilizar certas habilidades com um fim explícito, mas de modo divertido, agradável e prazeroso ela consegue atingir os objetivos inconscientemente. A capoeira pode ser utilizada como prática lúdica na escola de forma que a criança se sinta descontraída encarando como brincadeira essa atividade pedagógica. Granzio (online) colabora enfatizando que “a capoeira é um valioso recurso pedagógico e artístico, face a beleza e desenvoltura com que são realizados seus movimentos” e, complemento, que a música cantada e dançada envolve todos os sentidos garantindo a sua configuração de arte.

3.1 - RECNEI E A CAPOEIRA

O Ministério da Educação e Cultura disponibiliza um documento com a finalidade de oferecer orientações pedagógicas para Educação Infantil contribuindo para que os professores tenham um material que contribuam na atuação em sala de aula. O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RECNEI – “é composto por 3 volumes divididos de modo a facilitar o entendimento e a valorização da educação destinada a crianças pequenas” (BRASIL, 1998, p.12). Ele traz reflexões sobre o atendimento da criança no Brasil, dá sugestões sobre a construção da identidade e da autonomia e mostra a importância de cada modalidade de ensino para a primeira infância: Matemática, Linguagem oral e escrita, Artes, Música, Movimento, Natureza e Sociedade. Dentro desses eixos a

utilização da capoeira pode contribuir para a criança apropriar-se de todos os componentes educacionais, pois o professor que sabe tirar o máximo de proveito das situações poderá perfeitamente explorar os conceitos atingindo os objetivos propostos.

Podemos observar que a capoeira envolve diferentes áreas de conhecimentos propostas nos RECNEI, a saber:

-a arte, a Música e o Movimento são próprios da capoeira. Já que essa atividade física necessita da musicalidade para guiar os movimentos dos participantes, orientando-os em relação à velocidade;

-a Linguagem oral e a nossa história podem ser exploradas com os cantos e ladainhas próprios dessa manifestação cultural, fazendo com as crianças tenham um estímulo mais divertido para conhecer a formação do nosso povo e desenvolver a comunicação oral;

-a Natureza e Sociedade descoberta a partir da relação que o aluno tem com o ambiente, o próprio corpo e o corpo do colega, além da sua filosofia que propaga o respeito, a igualdade e a socialização contribuindo para a formação de valores e do caráter do indivíduo, favorecendo a valorização das relações étnicorraciais e da diversidade brasileira;

-a Matemática pode ser bem mais significativa utilizando as noções de posição, de tamanho, de espessura, de grandeza, de quantidade em situações concretas a partir dos movimentos realizados, da quantidade de participantes e dos formatos e texturas dos instrumentos, melhorando o conhecimento das crianças, principalmente do maternal.

Devido seu contexto histórico a capoeira contribuiria para deixar mais divertido e significativo o aprendizado e a aquisição de habilidades, despertando a curiosidade infantil para a história do nosso povo, melhorando o entendimento dos acontecimentos após o descobrimento do Brasil que causaram a formação da sociedade atual. Através de seus cantos e ladainhas promoveria a aquisição, ou o aperfeiçoamento, da linguagem oral, escrita e o conhecimento da história possibilitando uma reflexão crítica do modo como a escola aborda os conteúdos referentes a escravidão, negros e cultura africana. Como reflete D'Agostini (2004, p.11) "a roda de capoeira promove através dos seus cantos, rituais e códigos, alguns fatos da história brasileira, que revelam o conflito travado entre agentes históricos muitas vezes camuflados pela história oficial", demonstrando a importância de ter

este patrimônio cultural brasileiro como recurso nas escolas de ensino infantil e educação fundamental.

Os Referenciais abordam a importância do movimento para as crianças na primeira fase da infância:

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (BRASIL. MEC, 1998, p.15.v 3).

Na capoeira a criança não só tem a oportunidade de se movimentar, ela também pode interagir com os colegas, ampliar as limitações do corpo, aprender a controlar o equilíbrio e suas emoções, entrar em contato com a própria cultura e a cultura de outros povos, pois na história da capoeira há a participação cultural de vários continentes, como por exemplo, o europeu, o qual após o descobrimento do Brasil tratou de colonizá-lo seguindo seus interesses e costumes desvalorizando a cultura nativa e após várias tentativas de sua dominação resolveram explorar o trabalho africano motivando posteriormente o surgimento desse nosso patrimônio cultural.

Os objetivos propostos para a modalidade de ensino que atende a faixa etária de quatro a seis anos, também são expostos no RECNEI, dentre os quais estão:

- ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação;
- explorar diferentes qualidades e dinâmicas do movimento, como força, velocidade, resistência e flexibilidade, conhecendo gradativamente os limites e as potencialidades de seu corpo;
- controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras para utilização em jogos, brincadeiras, danças e demais situações;

- utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc., para ampliar suas possibilidades de manuseio dos diferentes materiais e objetos;
- apropriar-se progressivamente da imagem global de seu corpo, conhecendo e identificando seus segmentos e elementos e desenvolvendo cada vez mais uma atitude de interesse e cuidado com o próprio corpo (Volume 3, 1998, p. 27).

Estes objetivos podem ser alcançados com facilidade através do uso da capoeira como um recurso pedagógico de ensino, os quais são praticamente os mesmos. Contribuindo para a familiarização corporal, devido os vastos movimentos que executados por todas as partes do corpo desenvolveria o equilíbrio corporal, além da expansão de gestos e expressões em decorrência da musicalidade que pede um acompanhamento rítmico e desperta expressividade por causa do prazer em ouvir e exercitar-se. O ritmo ajuda, também, no “amadurecimento das noções de tempo-espaço”, no impulso do movimento, no desenvolvimento da motricidade e da percepção sensorial (SILVA, 2003). O referido autor complementa enfatizando que:

A capoeira auxiliará na ampliação das diferentes qualidades físicas e dinâmicas do movimento, pois são freqüentes as situações em que os alunos são convidados a simularem movimentos que começarão de naturais, a exemplo da ginga, que nada mais é do que uma variação do ato de andar, até situações de maior elaboração técnica, melhorando a condição do andar, correr, pular, trepar, equilíbrio, rolar, além de trabalhar força, velocidade, resistência e flexibilidade, aliado a um suporte lúdico, que é fator preponderante para a prática da capoeira e nas intervenções pedagógicas com crianças de 0 a 6 anos (p.30-31).

A capoeira pode ser utilizada, também, para incluir a história afro-brasileira no currículo escolar que é obrigada pela lei nº 10.639/03, pois busca valorizar a origem do povo brasileiro e a contribuição dos negros na nossa história, fazendo com que diminua o processo de discriminação e racismo havendo o aumento da afirmação de nossas raízes.

3.2 - A LEI Nº 10639/03 E A CAPOEIRA

A lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003 institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afrobrasileira em todas as instituições de ensino pública ou privada auxiliando na “construção de uma sociedade anti-racista, que privilegia o ambiente escolar como um espaço fundamental no combate ao racismo e à discriminação racial” (BRASIL, 2006, p. 10), buscando resgatar as contribuições históricas “dos negros na construção e formação da sociedade brasileira” (BRASIL, 2004, p.8). Essa educação étnico-racial tem extrema relevância que seja iniciada na Educação Infantil, pois os “conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se constituir nesse período” (BRASIL, 2006, p. 29) diminuindo, assim, o preconceito alimentado pela sociedade tornando o indivíduo respeitador das diferenças e consciente da formação populacional brasileira.

As Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais é uma publicação do Ministério da Educação que apresenta várias formas de incluir a cultura africana e afrobrasileira na escola e em sala de aula. Em uma de suas páginas enfatiza a transmissão de valores que é muito tradicional na África, difundida na capoeira e muito requisitada à criança: o respeito aos mais velhos. A capoeira ensina que os mais velhos são detentores da sabedoria, devido sua experiência de vida, devendo ser respeitados e obedecidos como comprova a passagem abaixo:

O respeito aos mais velhos é um valor que precisa ser transmitido às crianças, sendo também um valor de destaque na cultura afrobrasileira e africana. A ancestralidade é um princípio que norteia a visão de mundo das populações africanas e afro-brasileiras. Os que vieram primeiro, os mais antigos, os mais velhos são referências importantes para as famílias, comunidades e indivíduo. Portanto, o processo de aprender não é possível fora da dimensão da relação, da inter-relação entre os mais novos e os mais velhos (BRASIL, 2006, p.39).

Esse respeito que muitas vezes encontramos faltando não só em crianças, mas em adultos, também, pode ser estimulado através da prática da capoeira além de vários outros valores necessários para uma boa convivência na sociedade por

meio da conscientização do seu papel como cidadão. A solidariedade e a união também fazem parte da sua filosofia e são heranças africanas.

A capoeira pode ser utilizada pela escola para implementar os conteúdos demandados pela lei 10.639/03 através da realização de atividades que remetam a cultura africana e afro-brasileira, como um projeto no qual escolher-se-ia um dia especial da semana para o estudo de obras referentes a diversidade étnicorracial.

O projeto poderia ter início com uma apresentação da roda de capoeira, explicando posteriormente sua origem e seu propósito inicial, e em seguida a exposição de atividades que poderão ser realizadas durante o ano, em especial na comemoração de datas que relembrem personagens da cultura negra. Dessa forma as crianças ficariam mais curiosas e ansiosas a cada atividade.

O planejamento das atividades no decorrer do ano letivo contribuirá para a construção de um calendário reflexivo das datas “que são reproduzidas ano a ano, sem análise crítica por parte dos educadores” (BRASIL, 2006, p.167). Assim, a cada dia poderá ser exposta uma atividade como músicas, danças, histórias, desenhos, pinturas e filmes, fazendo com que a criança tenha contato com a cultura africana dando-lhe oportunidade para comparar com a sua realidade e consigo mesmo, associando aos objetivos propostos para sua etapa escolar.

As Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais propõem algumas atividades que podem contribuir para a implantação da lei nº 10.639/03 utilizando os conceitos programados, como:

- Expressão oral e Literatura: A escolha de livros, poemas e poesias que valorizam a descendência africana, podendo estimular as crianças a utilizar outras palavras para fazer uma releitura do original favorecendo a ampliação do vocabulário e da criatividade. Obras como: Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado, As tranças de Bintou, de Sylviane A. Diouf, Kiriku e a Feiticeira, filme de Michel Ocelot, podem contribuir para entrar em contato com a cultura e os valores africanos de modo que o indivíduo sinta-se orgulhoso por ter traços físicos engrandecendo a beleza dessa localidade. Na oportunidade pode-se utilizar os nomes dos personagens para fazer-se uma discussão sobre os nomes dos próprios alunos, buscando os significados e o motivo da escolha, enfatizando que na África os nomes são selecionados de acordo com o grupo familiar e sua definição;

- Música: A Educação Infantil utiliza diariamente cantigas que, inconscientemente, retratam a cor preta, a violência ou o negro como sendo

sinônimos do mal, do ruim, a exemplo do “boi da cara preta”, “Os Escravos de Jô”. A modificação de letras desse tipo transformará a depreciação da cor em uma imagem positiva da diversidade física e cultural do nosso país. Os cantos e ladainhas da capoeira revelam a real história do escravo africano, de situações históricas e de contos afro-brasileiros contribuindo para o melhor entendimento dos costumes, da história brasileira e o modo como ela é transmitida.

Outro costume comentado pelas Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006) vindo da África, e também muito utilizado na rotina da Educação Infantil é a roda, que possui um importante significado de rompimento das hierarquias, onde todos podem falar e se ver. A roda na Educação Infantil é costumeiramente empregada no momento de contar histórias, cantar, ensinar novas brincadeiras e combinar regras. Essa publicação reflete que “retomar a roda como princípio de organização, como maneira de aprender coletivamente já é um exercício cotidiano de busca de respeito à diversidade” (p.167).

Com a roda de capoeira o aluno aprende esperar o momento e a vez de entrar na mesma, a respeitar e valorizar as diferenças e os limites do companheiro, a ouvir e respeitar as orientações dada pelo mestre ao som do berimbau, fazendo com que essa disciplina seja utilizada também na sociedade implicando em melhor processo de socialização e constituição de uma identidade plural e, de fato, democrática.

3. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

As primeiras instituições de atendimento infantil surgiram a partir do século XIX, na Europa, em resposta a Revolução Industrial para possibilitar a entrada da mulher no mercado de trabalho dando a essa instituição um “caráter assistencialista” designada a cuidar unicamente da saúde e da higiene das crianças fazendo com que surgisse uma nova forma de organização familiar, pois a mãe com o papel de cuidar e educar os filhos vê a necessidade de sair do lar e entrar na fábrica. Dessa forma com o intuito de solucionar o problema infantil criaram-se creches, internatos e asilos com o objetivo de tratar das crianças pobres de modo a diminuir a taxa de mortalidade infantil da época. “Estas instituições apenas encobriam o problema e não tinham a capacidade de buscar transformações mais profundas na realidade social dessas crianças” (MONTENEGRO; ANDRADE, 2010).

No Brasil, a preocupação com as crianças iniciou-se na colonização pelos portugueses no século XV, através do padre José de Anchieta que considerava a infância como fase “ideal para a catequese e como período propício para a ruptura com a sua cultura”, já que as crianças não demonstravam resistência às novas aprendizagens e não tinham incorporado a cultura original totalmente. Em uma carta enviada a Inácio de Loyola padre José de Anchieta mencionava os orfanatos destinados a abrigar os órfãos portugueses amparados pela Companhia de Jesus a fim de expandir esse atendimento aos pequenos índios rejeitados devido “algumas tradições da tribo” (KUHLMAN JUNIOR, 2010). Este autor enfatiza que “a concepção de infância que permeou o período da colonização do Brasil revela a criança sem história, no qual poder-se-ia escrever uma cultura superior, capaz de impedir outra cultura que significasse impossibilidade de dominação” (p. 57).

Os jesuítas sabiam que os adultos não aceitariam a incorporação de outra cultura que anularia a sua própria. Dessa forma, procuraram vias que possibilitassem a preparação da aldeia para a mudança de hábitos, assim iniciavam pelos curumins facilitando a dominação e conquistando a confiança dos adultos.

Depois, uma nova conjuntura social e política foi se formando e criando novas situações relacionadas a primeira infância. Com a aprovação da Lei do Ventre Livre de nº 2.040, de 28/09/1871 todos os filhos de escravos tornaram-se livres a partir daquela data, deixando a cargo do fazendeiro a criação e educação das crianças até os 8 anos de idade. A partir daí ficaria ao seu critério entregá-lo ao governo ou

utilizar-se de seus serviços. Muitos desses bebês e outros filhos ilegítimos eram colocados nas “rodas dos expostos ou rodas dos enjeitados, uma espécie de armário colocado às portarias dos conventos, hospitais e casas de misericórdia” (SILVA; BARBOSA, 2010), onde eram deixadas sem que os responsáveis pela ação fossem identificados. Esta roda dos expostos evita possíveis “infanticídios” que pudessem ocorrer como resultado de gravidez indesejada de mulheres solteiras e brancas ou mesmo algumas escravizadas com o propósito de livrar seus filhos de serem cativos (KUHLMAN JUNIOR, 2010; BRASIL, 2006).

A roda recebia crianças de qualquer cor e preservava o anonimato dos pais. A partir do alvará de 31 de janeiro de 1775, as crianças escravas, colocadas na roda, eram consideradas livres. Este alvará, no entanto foi letra morta e as crianças escravas eram devolvidas aos seus donos, quando solicitadas, mediante o pagamento das despesas feitas com a criação. Em 1823, saiu um decreto que considerava as crianças da roda como órfãs e assim filhos dos escravos seriam criados como cidadãos, gozando dos privilégios dos homens livres (MOTT, 1979:57 apud BRASIL, 2006, p.31).

Depois, com a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889) houve um aumento na população urbana, crescendo também a necessidade de amparar a criança. É nesse período que se percebe algumas mobilizações isoladas preocupadas em acolher o menor carente. Nesse instante a elite começa a adotar o modelo educacional recém-chegado dos Estados Unidos e da Europa, o **escolanovista** (negrito nosso). Iniciou-se a partir daí a preocupação com a educação de crianças pequenas, os denominados “jardins-de-infância” criado por Froebel, mas foi recebido com algumas discussões pela nata da sociedade, pois não admitiam que o governo se responsabilizasse pelo atendimento às crianças carentes, pois havia uma dicotomia entre o cuidado com a criança branca e o tratamento destinado a criança negra ou carente. Nesse contexto houve o aparecimento das instituições particulares em alguns locais como Rio de Janeiro, 1875 e São Paulo, 1877 para o atendimento exclusivo dos filhos abastados da classe emergente (SILVA; BARBOSA, 2010).

No ano de 1908 surgiu “a primeira creche popular dirigida a filhos de operários até dois anos e, em 1909, foi inaugurado o Jardim de Infância Campos Salles, no Rio de Janeiro” (KRAMER, 2006, p.52). No que se refere ao atendimento

de crianças na primeira infância, o país também segue a mesma ordem, enquanto que no Velho Continente há a presença de “creches desde o século XVIII e de jardins de infância desde o século XIX, no Brasil ambos são instituições do século XX” (KRAMER, idem).

As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por grandes mudanças no país, uma delas foi “a mudança na sociedade brasileira com o crescimento do setor industrial” que proporcionou o aumento da classe média e da urbanização devido a entrada da população rural em busca de emprego nas “atividades emergentes” da época. Desencadeou-se dessa forma, constantes reivindicações do movimento operário por locais que pudessem atender seus filhos durante o período que estavam trabalhando. Tentando acatar a esses pedidos os patrões criaram vilas operárias, creches e escolas maternais, fazendo com que houvesse também uma regulamentação no trabalho feminino prevendo uma sala para a amamentação no período de trabalho das empregadas.

A década de 1930 marcou a creche como “instituição de saúde, da higiene e da puericultura”, onde estariam preocupadas com a alimentação, a limpeza e a segurança, o trabalho educacional, intelectual e afetivo dos frequentadores (SILVA; BARBOSA, 2010). É neste período que o Estado passa a assumir a responsabilidade pelo atendimento pedindo, mesmo assim, a colaboração financeira de indivíduos e grupos particulares para o mantimento dessas instituições educacionais (KRAMER, 2006, p.61). Esta mesma autora nos relata a existência de tendências que acompanham a educação infantil até os dias de hoje:

(...) o governo proclama(va) a sua importância e mostra(va) a impossibilidade de resolvê-lo dada as dificuldades financeiras em que se encontra(va), enquanto imprimia uma tendência assistencialista e paternalista à proteção da infância brasileira, em que o atendimento não se constituía em direito, mas em favor. Ambas as tendências ajudam a esconder que o problema da criança se origina na divisão da sociedade em classes sociais.

Apenas nos anos de 1960 o atendimento de crianças menores de 7 anos foi assistida pela lei. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4024/61 incluía em seus artigos 23 e 24 a educação de crianças menores, que seria realizada por escolas maternais ou jardins de infância. As empresas que dispusessem de mães em seu quadro de funcionários deveriam organizar e manter uma instituição própria

ou com o auxílio de outras empresas para o atendimento dos filhos das empregadas. Desta forma vemos que

a história da infância foi sempre marcada pela marginalidade educativa, social, política, cultural e econômica, e que hoje apesar da idéia de criança como cidadã de direitos, a situação da infância no Brasil e no mundo permanece grave, refletindo-se nas formas de pobreza, discriminação, exploração, violência, maus tratos, sofrimento e opressão nas diversas sociedades (ATHAYDE, 2009, p.19).

Na verdade a Educação Infantil, desde o seu surgimento não tem recebido a atenção que merece. Na maioria das vezes, as creches são tidas como um depósito de crianças onde os pais deixam seus filhos para que, em muitas ocasiões, estranhos passem o dia com elas a fim de garantir seus sustentos. Muitos pais, na minha opinião, não reconhecem o valor da primeira infância na vida da criança, eles crêem que a aprendizagem significativa, a noção de responsabilidade, o respeito ao mundo, a aquisição da consciência dos atos, enfim a formação da personalidade só iniciará quando estiverem com uma idade mais elevada, por volta dos 9 ou 10 anos, na pré-adolescência.

Froebel (1837) considerado o criador da Educação Infantil, defendia que a educação das crianças acontecesse “em um clima de amor e encorajamento” o que facilitaria a aprendizagem sobre si própria e sobre o mundo que a cerca. Para ele, os primeiros anos da infância são decisivos para a formação do indivíduo. Dessa forma a criança se tornaria um adulto mais autoconfiante e capaz de entender o modo de organização da sociedade. As técnicas propostas por Froebel são utilizadas até hoje em escolas de educação infantil. Ele propunha que as atividades fossem realizadas sem imposições, trabalhando a “percepção e a aquisição da linguagem”, de acordo com seu estágio de aprendizagem. Do seu ponto de vista a criança que mantém sua mente ativa torna-se mais receptiva a obtenção de novos conhecimentos (GUIMARÃES et al, 2008). A creche só foi reconhecida como instituição realmente educativa a partir da nova Constituição Federal de 1988.

Neste sentido, Silva e Barbosa afirmam que:

a nova Constituição Federal (CF) traz o reconhecimento da educação em creches e pré-escolas, como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino. Enfim, a criança e o adolescente são reconhecidos na legislação brasileira como sujeitos de direitos (art.227), e ainda, a igualdade de direitos e de deveres entre homens e mulheres, no seio da família (art.26§). Pela primeira vez, a Constituição afirma o caráter educacional das creches e pré-escolas (art.298/IV) e a Educação Infantil como direito dos pais trabalhadores (art.7/XXV) e das crianças (art.227) (SILVA; BARBOSA, 2010, p.10).

Como mostra as autoras citadas o atendimento das crianças pelo poder público só foi garantido após a nova Constituição Federal a qual reconheceu a criança e o adolescente na perspectiva da cidadania devendo o poder público garantir seu acesso às instituições educativas. Nesse sentido, pode-se observar que a primeira infância vem conquistando seu espaço gradativamente na esfera educativa, em um processo de lutas que reivindicam o direito da criança como ser sócio-histórico devendo ser-lhes oferecidos instrumentos que o contribuam na aquisição de cultura e no seu desenvolvimento integral, permitindo que a criança tenha a possibilidade de reconhecer-se como sujeito membro da sociedade capaz de agir e interagir com ela e com os membros restantes.

Como reflete Miguel Arroyo (1995 apud KUHLMAN JUNIOR, 2010), as mudanças desencadeadas em 1980 provocaram um “(...) reordenamento legal e na afirmação de uma nova doutrina da infância, em que a criança deixa de ser vista como objeto de tutela e passa a figurar como sujeito de direitos”. Kuhlman também nos revela que o atendimento não era o mesmo para as distintas classes:

A longa prática dos jardins de infância brasileiros, tanto os particulares quanto os oficiais, de prestarem serviço apenas às classes com maiores recursos, parece ter reforçado a idéia, ainda predominante no século atual, de que é a situação econômica que diferencia o jardim de infância da creche e das escolas maternas, com um forte viés estigmatizante (p.62).

A nomenclatura dada para a educação de crianças de diferentes classes contribuiu para discriminar as crianças da camada mais carente. Os jardins de infância eram destinados às crianças de famílias com mais recursos, tinham como

intenção prepará-las para a entrada na pré-escola, com atividades educativas que estimulassem e desenvolvessem a capacidade cognitiva, já as crianças carentes eram enviadas às creches com fim assistencialista, atendendo apenas suas principais necessidades: higiene, saúde e alimentação. Como é complementado na citação encontrada nas Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnicoraciais:

(...) a expansão caótica e a baixo custo da Educação Infantil no Brasil durante os anos 80 cristalizou a tendência histórica da convivência de trajetórias duplas para o atendimento de crianças pequenas: uma mais freqüentemente denominada creche, geralmente vinculada às instâncias da assistência, localizadas nas regiões mais pobres da cidade, oferecendo um atendimento de pior qualidade, sendo freqüentada principalmente por crianças pobres e negras; a outra, mais freqüentemente denominada pré-escola ou escolas de Educação Infantil, vinculada às instâncias da educação e que, mesmo apresentando por vezes padrão de qualidade insatisfatório, por sua localização geográfica tende acolher uma população infantil mais heterogênea no plano econômico e racial (ROSEMBERG, 1991 apud BRASIL, 2006, p. 35).

A conquista da creche para a classe trabalhadora foi possível graças às inúmeras lutas e reivindicações realizadas por movimentos sociais feministas e de trabalhadores, não só com o intuito de possibilitar à mulher sua entrada no mercado de trabalho, mas de suprir algumas carências das crianças. Essas mobilizações proporcionaram “a formulação de um documento denominado ‘Política Nacional de Educação Infantil’ elaborado pelo MEC (1994), no qual era apresentada a situação atual da educação infantil” (KUHLMAN JUNIOR, 2010). Esse documento relata o mau atendimento oferecido à infância, sobretudo em instituições especializadas devido à “expansão desse setor” sem investimento e as orientações necessárias do poder público, além da falta de valorização e da capacitação de profissionais qualificando a função educacional da instituição.

Na década de 1990 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96), que ofereceu subsídios para que a Educação Infantil passasse por reformulações na medida que foi reconhecida como a etapa da educação básica. Além disso, nesse mesmo período, o MEC redigiu vários documentos que pudessem implicar na melhoria do atendimento nessa etapa escolar. Dentre eles, estão os Referenciais Curriculares Nacional para a Educação

Infantil (RECNEI/98) e o *Crêterios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*, com a colaboração de Secretaria de Educação Fundamental (SEF) e Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI) (1995). Neste último documento há regras dirigidas a “organização e ao funcionamento interno da creche” bem como os direitos das crianças :

(...) a um ambiente aconchegante e seguro;   brincadeira;   atenção individual;   higiene e   saúde; a uma alimentação saudável;   capacidade de expressão; ao afeto e   amizade;   expressão dos seus sentimentos; a uma atenção especial durante seu período de adaptação à creche; ao desenvolvimento de sua identidade cultural,  tica e religiosa (BRASIL.MEC/SEF/COEDI, 1995, p.8 apud KUHLMAN JUNIOR, 2010).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada em 20 de dezembro de 1996 prevê no artigo 22 a finalidade da educação básica de “desenvolver o educando, assegurar-lhes a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Todo país que almeja uma mudança social deve propor inicialmente uma reformulação na estrutura política educacional, privilegiando principalmente a Educação Infantil, pois ela é a base para a formação dos sujeitos. Se a criança não dominar os conhecimentos básicos, como as noções de números e quantidades, vogais, consoantes e sílabas, se ela não entender que a junção de sílabas formar  uma palavra, ela não conseguirá formar estruturas mais complexas como frases e textos e sentir  muita dificuldade em disciplinas como Matemática, H storia e Geografia.

A criança que no seu início de escolarização não for bem acolhida poderá vir a sentir uma aversão à escola o que poderá prejudicar o seu desenvolvimento intelectual, social e possivelmente profissional. Necessitando, assim, que os profissionais desta área sejam altamente qualificados, treinados, assistidos e orientados durante todo o ano letivo para que saibam escolher as melhores atividades e tomar as melhores decisões diante dos acontecimentos na escola, além de bem remunerados, já que muitos desses profissionais utilizam boa parte de seus rendimentos para a compra de livros e coleções didáticas a fim de oferecer uma boa

oportunidade de aprendizagem aos alunos, pois não há nenhum livro oferecido pelo governo que atenda a clientela dessa faixa etária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira é uma das mais importantes manifestações da cultura afrobrasileira desde o tempo da escravidão até a sociedade contemporânea. Esta modalidade cultural, após passar por um período de perseguição por parte do Estado brasileiro vem ganhando reconhecimento social na atualidade, especialmente na escola. Das inúmeras funções a capoeira vem fortalecer a memória social, elevar a auto-estima das pessoas e, sobretudo, no ambiente escolar pode tornar-se fundamental para a construção de uma escola prazerosa e atrativa.

Deste modo, procuramos mostrar o quanto a capoeira é importante para o desenvolvimento pessoal, motor e cognitivo da criança durante sua primeira infância, dando-lhes oportunidade para conhecer os primórdios da história brasileira de maneira lúdica, interagindo com a atualidade com vistas a modificar futuramente sua realidade social e cultural através da sua auto-aceitação, valorização, e afirmação das suas origens étnicorraciais, contribuindo para a diminuição do preconceito social e cultural e para seu desenvolvimento integral.

Por muitos anos a capoeira foi utilizada como arma para o ataque ou contra-ataque de inimigos, mas com o passar dos anos, pôde-se perceber que ela é mais que isso. A capoeira é uma arte genuinamente brasileira, é uma manifestação cultural capaz de unir os povos por meio da sua musicalidade, dos movimentos e da necessidade do outro. Esses pontos provocam na criança o desejo de participar, de interagir, de se movimentar e de conhecer esta prática ancestral.

A inclusão da capoeira na Educação Infantil pode contribuir para a aquisição do conhecimento, a socialização, o desenvolvimento motor e o controle emocional tão necessário nessa fase inicial da vida escolar, dando oportunidade para se movimentar, controlar suas emoções e respeitar as regras. Além disso, contribui para a significação de conceitos matemáticos como a textura, espessura e peso. através do manuseio dos instrumentos musicais e dos movimentos que obrigam o contato com o chão; o conhecimento do próprio corpo e dos seus limites e possibilidades. É possível perceber, também, que a metodologia da capoeira ajuda na formação do caráter e da personalidade através da sua filosofia que procura valorizar ao máximo o respeito ao outro, principalmente aos mais velhos, a

disciplina, o eu, a igualdade entre todos, respeitando a hierarquia da roda e da sociedade.

Na sociedade atual, muitos pais procuram manter a criança dentro de casa, a fim de protegê-la da violência e da má influência existente no local onde residem, preferindo muitas vezes ter apenas um filho devido a situação econômica obrigando, ou incentivando a criança a se manter isolada restando apenas a escola como meio para conhecer e brincar com outras crianças, devendo a instituição oferecer a melhor oportunidade para promover o diálogo do corpo e da formação pessoal através dessa prática esportiva, a capoeira.

Com esse estudo, pudemos perfeitamente verificar que a capoeira pode ser incluída no currículo da Educação Infantil agregando várias áreas do conhecimento que contemplam as necessidades das crianças nesta etapa, além de promover a socialização e o desenvolvimento da auto-estima e da aceitação de suas raízes históricas.

REFERÊNCIAS

ABRASOFFA: História da capoeira. Disponível em: <http://www.abrasoffa.org.br/folclore/danfesfol/capoeira.htm> Acesso: 29/08/08 14:01

ATHAYDE, Selma Cunha Ribeiro. **A infância e suas concepções na sociedade e na Educação Infantil**. In: A criança e as diversas linguagens na Educação Infantil. Evagelina Maria Brito de Farias (Org.) – João Pessoa Editora Universitária /UFPB, 2009.

ASSUNÇÃO, Mathias Rohrig; MANSA, Mestre Cobra. A dança da zebra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro. n.30, p. 14 – 21, Março, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SEPP/IR/SECAD, 2004

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

_____. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico – Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

_____. Lei nº. 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**, 1996.

CAPOEIRA. Disponível em: http://capoeira_regional.vilabol.uol.com.br Acesso em: 29/08/2008 13:42

CATUNDA, Eunice. **Capoeira no Terreiro de Mestre Waldemar**. Revista de cultura Moderna, São Paulo, 1952. Disponível em: <http://www.nzinga.org.br/pt-br/registros> Acesso em: 20/06/2011 às 19:08

D'AGOSTINI, Adriana. **O jogo da capoeira no contexto antropológico e biomecânico**. Florianópolis/SC, 2004. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenadoria de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.cds.ufsc.br/mestrado/TESE%20Adriana%20D'Agostini%20defendida%20em%2026%20fev%2004.pdf> Acesso em: 29/12/2010 17:32

DIOUF, Sylviane A. **As tranças de Bintou**. Tradução: Charles Cosac.

FLORIANO, Edivaldo. Mestre Pastinha. Disponível em: <http://lutador-capoeira.blogspot.com/2007/11> Acesso em: 27/04/2011 18:38

GRANZIOL, James. **Capoeira, história e cultura de um povo**.

Disponível em: <HTTP://www.coladaweb.com/cultura/capoeira-historia-e-cultura-de-um-povo> Acesso em: 29/04/2011 às 10:33

HISTÓRIA da capoeira II, Junho de 2005. Disponível em: <http://negrozu33.spaces.live.com/Blog/cns!185B19E98DFC0D19!256.entry> Acesso: 06/02/2011 06:48

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil – a arte do disfarce**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). O jogo e a educação infantil. In: _____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2005

KUHLMAN JUNIOR, Moyés. **Infância e Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss – Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MACEDO, Lino de. Ago, 2005 Disponível em:
<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/disciplina-conteudo-como-qualquer-outro-431413.shtml> acesso em: 13/05/2010 10:14

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo, Ática.

MELLO, André da Silva. **A história da capoeira: Pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal**. Vitória/ES, S.d. Artigo apresentado ao Departamento de Educação Física do Centro Universitário Vila Velha. (s.d.). Disponível em: <http://nilopedro.com/ed/historia.pdf> Acesso em: 29/12/2010 17:23

MESTRE MORAES. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mestre_Moraes
Acesso em: 04/05/2011 08:12

MONTENEGRO, Fabrícia de Sousa; ANDRADE, Aurília Coutinho Beserra de. **Infância e políticas de Educação Infantil: Início do século XXI**. Módulo 2 – Educação Infantil. Formação Contínua dos Professores da Educação Básica. UFPB, Bananeiras/PB, 2010 Texto não publicado

MUNANGA, Kabengele. GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo, Global, 2006. (Coleção para entender)

GUIMARÃES et al. **Nova Escola: Grandes Pensadores**. São Paulo: Ed. Abril, n.19, jul. 2008. 132 p. Edição Especial.

OVERMUNDO Capoeira na Educação Infantil. Disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-capoeira-na-educacao-infantil-1-parte>
Acesso em: 22/12/2010 19:02

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
RUGENDAS, Johann Moritz. Disponível em:
<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/capoeira/capoeira-8.php>

SANTOS, Silvana dos; SOUZA, Silvio Pinheiro de; MARTINS JUNIOR, Joaquim. **A importância da capoeira para o desenvolvimento motor de crianças na idade pré-escolar.** (s.d.)

Disponível em: www.cdof.com.br/capoeira.htm Acesso: 02/09/2010 16:33

SANTOMAURO, Beatriz; ANDRADE, Luiza. **O que não pode faltar.** In: Nova Escola. São Paulo: Ed. Abril, n. 217, nov. 2008. p. 48 – 57.

SILVA, Jean Adriano Barros da. **Importância da capoeira no desenvolvimento cultural corporal na Educação Infantil.** Salvador/BA, 2003. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física Escolar da Universidade do Estado da Bahia, 2003. Disponível em: http://geocities.ws/capoeiranomade3/Importancia_da_capoeira_no_developmento_da_cultura_corporal_na_educacao_infantil-Jean_da_Silva.pdf Acesso em: 16/05/2011 10:28

SILVA, Patrício Júnior da; BARBOSA, Rita Cristina. **Aspectos históricos, sociais, culturais e psicológicos próprios do desenvolvimento humano de 0 a 6 anos.** Formação Contínua dos Professores da Educação Básica. UFPB, Bananeiras/PB, 2010 Texto não publicado

UMBUNDU. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Umbundu> Acesso em: 20/06/2011

IMAGEM EM MOVIMENTO

BESOURO, João Daniel Tikhomiroff, Globo filmes, Bahia/BR, 2009, filme longa duração, ação, 95 min. Col.

KIRIKU E A FEITICEIRA, Michel Ocelot, ArtMann, França/Bélgica, 1998, desenho animado, 71 min. Col.